

O desafio na escrita desta resenha se encontra, talvez, no próprio movimento que anima a leitura de uma obra coletiva. Diz da necessidade de divisar, por entre a singularidade de seus *fiões* mais particulares, a *trama* que garante a unidade dialógica de seu *tecido*. Em *Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância*, a produção cultural da criança, pensada em íntima relação com o cenário discursivo/simbólico da contemporaneidade, se traduz no substrato temático que nos permite ir de um texto ao outro, dialogando com a multiplicidade dos enfoques e das escolhas teórico-metodológicas apontadas em cada um deles. Produzidos a partir de sólidas trajetórias de pesquisa, os textos que compõem a obra são anunciados como *trilhas*, desenhando uma imagem de acolhimento às diferentes leituras e possíveis significações do singular universo cultural de nossas crianças.

Mídia, memória e consumo cultural se entrecruzam em uma época que se consubstancia na “ideologia da vida curta” e faz circular o consumo como “critério de organização social”. Esse panorama conceitual nos permite aproximar os textos de Edmir Perrotti, “Estação Memória: novos caminhos da mediação e da apropriação cultural”, e de Maria Isabel Orofino, “Ciranda de sentidos: crianças, consumo cultural e mediações”. Em tempos de “silêncio cultural”, Perrotti nos convida a conhecer a *Estação Memória*, espaço de “circulação narrativa” gestado no interior de uma proposta colaborativa de pesquisa. Orofino nos instiga a pensar em uma “pedagogia dos meios” que possa contribuir para o

* Resenha do livro organizado por Monica Fantin e Gilka Girardello: *Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância* (Campinas: Papyrus, 2008).

** Doutoranda em Educação, integrante do grupo de pesquisa “Educação e Comunicação” (UERJ) e bolsista da FAPERJ. E-mail: brunasola@uol.com.br

desenvolvimento do consumo cultural reflexivo. Em ambos, vale compartilhar a dimensionalidade crítica do conceito de mediação, fazendo-nos atentar para o intrincado jogo de produção e de negociação de sentidos que demarca as relações do sujeito com a sua cultura. Duas construções em busca de rompimentos: na perspectiva da ordem discursiva hegemônica, em Perrotti, e sob o viés do consumo cultural crítico, em Orofino.

Mídia, imagem e educação compõem um segundo núcleo conceitual que nos permite abrigar os textos de Rosa Maria Bueno Fischer, Ingrid Dittrich Wiggers e Telma Anita Piacentini. Fischer nos convida a um instigante passeio teórico, ao propor a experiência como via de investigação da pedagogia da imagem midiática em “Imagens da mídia, educação e experiência”. Wiggers, em “Infância e mídia: crianças desenhavam novas corporeidades?”, traz à cena o modelo de corpo em evidência que *emerge* da cultura midiática contemporânea, propondo a arte como “espaço de deformação dessas imagens”. Em “A questão do método e a pesquisa sobre imagens de infância”, Piacentini apresenta os contornos metodológicos de uma pesquisa fundamentada no conceito benjaminiano de “método como desvio” e nas proposições da “pedagogia da imagem”, fazendo circular, por entre a arte universal e a arte popular, uma imagem de infância que atravessa e tece a história “no mundo do imaginário que o brinquedo traduz”. Três estudos que nos instigam a questionar o fascínio que as imagens da mídia despertam e a (re)pensar o papel da escola no resgate de uma “criança lúdica”; de uma infância que brinca, experimenta e pensa as imagens.

Mídia, tecnologia e educação constituem, por fim, o eixo temático que nos permite aproximar os estudos de Pier Cesare Rivoltella, Gilka Girardello, Maria Luiza Belloni e Monica Fantin. Com eles, buscamos compreender a produção cultural da infância e da juventude contemporâneas mediadas pelas múltiplas *telas* que inauguram formas outras de ver, saber, e conviver em nossa sociedade. Em “A formação da consciência civil entre o ‘real’ e o ‘virtual’”, Rivoltella põe em cena o conceito de “sociedade multitela”, auxiliando-nos a pensar a mídia-educação como parte essencial no processo de formação para a cidadania. Em “Produção cultural infantil diante da tela: da TV à internet”, Girardello busca, nos estudos já realizados sobre a recepção televisiva infantil, compreender a produção narrativa infantil diante do computador.

Belloni, em “Os jovens e a internet: representações, usos e apropriações”, apresenta dados de duas pesquisas realizadas sobre os modos como os jovens se apropriam da internet e a integram em suas práticas cotidianas, inclusive escolares. Fantin, em “Do mito do Sísifo ao vôo de Pégaso: as crianças, a formação de professores e Escola Estação Cultura”, problematiza o papel da mídia nas relações entre infância, escola e cultura digital, imaginando a *Escola Estação Cultura*, espaço institucional que abriria perspectivas plurais no campo da mídia-cultura. No entremeio das discussões apontadas em cada um desses estudos, somos levados a refletir sobre os novos desafios colocados ao processo de socialização de nossas crianças e jovens e a assumir a urgente tarefa de se pensar a mídia-educação orientada para as múltiplas linguagens e para a construção da cidadania.

Em conjunto, os nove textos publicados parecem atuar em nome das “possibilidades de crítica”, anunciadas na apresentação da obra, ao se ocuparem em problematizar *visibilidades* da infância criadas em meio à profusão das tecnologias de comunicação (e seus processos) e às reconfigurações culturais próprias de nosso tempo.

Nesse sentido, em termos de síntese, a proposta do livro nos parece clara: pensar dispositivos culturais que não apenas se materializam nas mais diferentes experiências vividas na/pela infância contemporânea, como também ressignificam, processualmente, o próprio repertório dessas experiências. Dinâmica de certo modo ousada pelos arranjos que suscita entre seus *pontos de entrada* – por si só multifacetados e complexos: Educação, Infância, Cultura e Comunicação.

Quando o livro se encerra, naquele interregno de silêncio em que o leitor continua a *ligar, rodar e clicar* outras rotas possíveis, se pode dizer de uma justa medida entre o que se pretende e o que se vê concretizado em cada um dos textos lidos. Por isso, esperamos que este breve texto cumpra-se em seu próprio motivo e que você aceite o convite para ler *Liga, roda, clica* e, depois, saia *rodando* por aí também.